

SISTEMA DE ENSINO: HISTÓRIA E ESTRUTURA

META

Explicitar a importância do legado cultural e pedagógico que nos proporcionaram as civilizações grega e romana.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
compreender a concepção de homem e de cultura escolar no mundo grego e Romano,
destacando os aspectos pedagógicos formadores da educação humanista que chegou até nós,
na era moderna.

PRÉ-REQUISITO

Aula de número 01.



Relievo mostrando uma escola romana (aprox. 200 a.C.)
(Fonte: <http://1.bp.blogspot.com>).



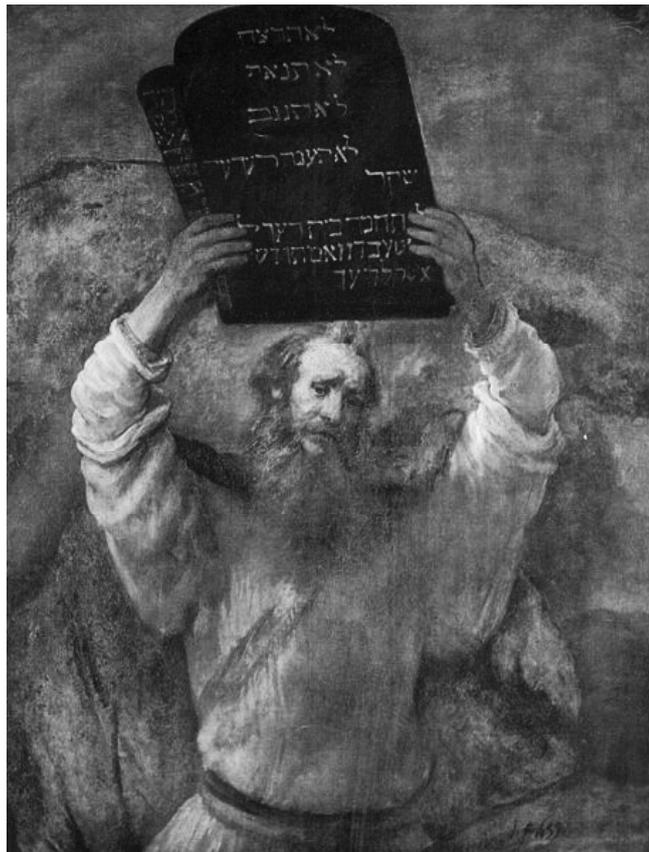
Na Grécia antiga havia professores de ginástica (*paidotribés*), de música (*kitbaristés*) e, no final do século V a.C., surgiram os *grammatistés*, para ensinar as crianças a ler e escrever (Fonte: <http://www.educ.fc.ul.pt>).

INTRODUÇÃO

Esta aula é continuação (complementação) da aula anterior, portanto, ainda apresenta natureza conceitual e conteúdo centrado nos primeiros momentos da história da educação no Brasil, sua organização e finalidades.

De início, vamos trazer à mente alguns conhecimentos ou informações que obtivemos durante o período escolar que denominamos de “ensino secundário”. Ali aprendemos que a civilização ocidental (de que fazemos parte), que o continental europeu faz questão de bem representá-la, se expandiu (sob vários aspectos) pelo mundo. No entanto, as suas origens remetem a duas correntes principais: a corrente judaico-cristã e a corrente grego-latina.

A própria educação como depositária (guardiã, receptáculo, protetora, conservadora) se revela fundamente marcada por estas duas influências históricas.



Moisés quebrando as tábuas da lei (Rembrandt, 1659) (Fonte: <http://pt.wikipedia.org>).

BASES DA FORMAÇÃO INTELECTUAL E HUMANÍSTICA DA EUROPA OCIDENTAL

Como vimos acima, na perspectiva judaico-cristã, a educação de um povo era essencialmente de cunho religioso, teocrático, monoteísta, isto é, de natureza moral e religiosa. Em primeiro lugar, era obra da família e totalmente orientada para o conhecimento da verdade e da lei divina.

Assim que a criança aprendia a falar, a mãe ensinava-lhe passagens (trechos) da Bíblia, e era este texto tido como sagrado que se aprendia a ler e, conseqüentemente, se refletia e se estudava a tradição e a cultura de seu povo.

Para o domínio desse saber, a disciplina era severa e não dispensava castigos corporais. O provérbio hebraico, a seguir, confirma esse rigor: “quem não usa a vergasta (vara fina para açoitar alguém), odeia o seu filho; quem o ama, castiga-o!” Então, a aprendizagem acontecia mediada por sistema disciplinar rigoroso.

Por outro lado, a corrente greco-latina pode ser assim resumida: 1) a educação na Grécia antiga, especialmente, em Atenas, constitui a fonte de nossas atividades literárias, artísticas, filosóficas e científicas (pois foi aí que a ciência nasceu, em sua forma teórica) e também a matriz da nossa educação, enquanto preocupação em formar o homem de ação e o sábio. Aos poucos, esta educação, de natureza humanista, vai-se tornando formal e erudita. A partir de 146 a.C., a Grécia se tornou uma província do imenso e poderoso império romano. Aqui, mais uma vez, nesta introdução, cabe um adágio: “A Grécia vencida, conquistou o seu terrível vencedor”. 2) A educação romana: um dos grandes méritos de Roma foi o de ter compreendido (e cultuado) o valor da civilização grega, de a ter assimilado a transmitido, não sem transformações, a todos os povos que conquistou, inclusive aos povos ibéricos, entre eles, o povo lusitano (o português).

No longo período de história romana, convém distinguir duas épocas para efeito de caracterização da ação educativa dessa cultura em expansão: antes e depois da conquista da Grécia. A primeira fase contentou-se com uma educação prática e moral, em consonância com o caráter (ou espírito) do povo romano que é utilitário, patriótico e guerreiro, colocando em primeiro plano as virtudes do cidadão e do soldado.

Do ponto de vista cultural, a educação romana se contentava em ensinar aos filhos dos cidadãos a leitura, a escrita, o cálculo e a devoção absoluta à pátria. No entanto, com o contato com a civilização grega (no final do século II a.C., dá-se uma profunda transformação, a gramática, a retórica e a literatura invadem a escola e a juventude enfrenta um processo de formação intelectual e humanístico grandioso que chegou até os nossos dias.

Durante a Idade Média (de 476 a 1453), a educação, sob o signo do cristianismo, manteve elos de ligação com a religião, ameaçando o domínio cultural greco-latino que entra em decadência. Contudo, por muitos séculos, essa cultura permaneceu nos mosteiros, sobretudo a partir do século VI, para se proteger da ferocidade dos povos bárbaros.

Os mosteiros, os conventos, as abadias tornam-se o refúgio da cultura e da civilização clássica, e é sobre essa base que se eleva a educação escolástica, isto é, doutrina da escola, que designava os ensinamentos de filosofia e de teologia nas escolas eclesiásticas e universidades da Europa, que se estendem até o século XVII.

Toda a preparação escolar medieval se dava em função do estudo das “sete artes liberais”, cujo domínio exigia do estudante passar por dois momentos distintos: o primeiro, o “trivium”, que compreendia o ensino da gramática, da retórica e da lógica; e o segundo, o “quadrivium”, que abarcava a aritmética, a música, a geometria e a astronomia.

É sobre essa base que emergem as universidades medievais. Por ordem de aparecimento, temos: a de Paris, 1200; a de Oxford, em 1206; a de Nápolis, em 1224; a de Cambridge, em 1231; a de Montpellier (França), em 1283; e de Coimbra e Lisboa, em 1290.

A partir dos séculos XIV e XV, os métodos de ensino medievais começam a sofrer pesadas críticas, com as mudanças operadas nas condições de vida dos indivíduos. Pensadores como os franceses François Rabelais (1494-1553), Montaigne (1533-1592) e René Descartes (1596-1650) e o inglês Francis Bacon (1561-1626), entre outros, se encarregaram de aprofundar as diferenças entre os sistemas de ensino: o medieval e o moderno.

Esses sábios, denominados humanistas, eram homens de espírito enciclopédico e de curiosidade universal. Os escritores-pedagogos, desse tempo, acompanhavam o valor metodológico da ciência em evolução e acreditavam no esforço do pensamento nascente para explicar e compreender melhor a realidade.

Nesse clima de renovação (ou de renascimento), a língua nacional (de cada país) se impunha como mais apta (que as clássicas – latim e grego) para formar o homem moderno.

Essa exaltação da língua nacional ou das línguas modernas, em detrimento do latim, do grego e do hebraico, torna-se uma bandeira da Reforma Protestante, desencadeada na Alemanha, a partir, sobretudo, de 1517, com as críticas oficiais de Martinho Lutero (1483-1546), contra os excessos religiosos da Igreja Católica. O movimento religioso “protestante” inquietou todas as instituições católicas, inclusive a educacional.

CONCLUSÃO

Antes de darmos início ao estudo da situação educacional brasileira, nos primórdios de sua história, se faz necessário conhecer, de maneira geral, a evolução das idéias pedagógicas no Ocidente, sobretudo até o alvorecer do século XVI, quando os sábios humanistas da época, homens com espírito enciclopédico e de curiosidade universal, os escritores-pedagogos do tempo, começam a cultivar o valor metodológico da ciência em expansão e o esforço do pensamento racional para melhor compreender a realidade e a estrutura social em que se achavam inseridos.

Esses sábios da época procuram assinalar um fim essencialmente prático à educação, recomendando a experiência da vida, a observação e o conhecimento do mundo e dos homens, daí o incentivo às viagens, às grandes descobertas e à valorização das línguas nacionais como próprias, aptas, para a formação do homem moderno.

RESUMO

As informações históricas que nos interessam, nesta aula, para um melhor acompanhamento de como se estruturou a educação no Ocidente, até o advento dos grandes descobrimentos (século XVI), nos levam a considerar (ou a lembrar) a influência da cultura greco-latina na base da formação intelectual e na personalidade do homem moderno.

Os gregos estabeleceram variados aspectos da personalidade e se empenharam em desenvolvê-los no indivíduo, por meio da educação. Os ideais gregos concentravam-se no esforço para formar o guerreiro e o conselheiro, exaltando o aspecto social da educação como o mais importante para o pleno funcionamento da sociedade.

Os romanos incentivaram, sobretudo, um modelo de educação essencialmente prático, isto é, voltado totalmente para fins morais ou ainda em outras palavras referente à conduta prática dos indivíduos, por isso foi o lar a principal instituição educativa do mundo romano.

Durante a Idade Média, a religião cristã procurou harmonizar o indivíduo e os fatores sociais. As ordens religiosas (monásticas) procuram cultivar questões teológicas, lógicas e filosóficas em proveito da religião. Com isso, ampliou-se e sistematizou-se o espírito educativo, de que resultou a criação de numerosas universidades que incentivaram a vida intelectual na Europa, da época.





ATIVIDADES

1. Faça um paralelo entre a concepção de educação grega e a latina (romana), ressaltando a diferença?
2. Consulte um manual de história da educação no Ocidente e escreva de 10 a 15 linhas sobre avanços e recuos da educação medieval em relação à greco-latina. Mostre esse trabalho a seu tutor e peça uma apreciação.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Esta aula traça um panorama geral da história da educação na Europa grega-latina e medieval. A importância das informações apresentadas diz respeito a fundamentos históricos e sociais que estão na base da concepção de educação e de sua organização escolar na era moderna.



AUTO-AVALIAÇÃO

A partir desta aula, como posso comprovar a minha compreensão sobre a prática pedagógica em vigor durante os quase 300 anos de Brasil-colônia? O que possa ressaltar de positivo na pedagogia dos jesuítas?



PRÓXIMA AULA

A aula seguinte, terceira aula, vai abordar aspectos da organização do ensino no Brasil, na fase colonial, destacando o espírito pedagógico da ordem jesuítica na formação intelectual da elite brasileira da época.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Fernando. **A cultura brasileira**: introdução ao estudo da cultura no Brasil. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1944.
- NOVAIS, Fernando A. **História e dinâmica do antigo sistema colonial (séculos XVI e XVII)**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1975.
- ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1982.